



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Preta, Pobre e Nordestina: uma análise da representação da primeira protagonista negra da telenovela Malhação¹

Gêsa Karla Maia Cavalcanti²

Universidade Federal de Pernambuco

Resumo: Assumindo que os produtos televisivos, principalmente a telenovela – que é o principal produto de ficção seriada nacional - possuem um importante papel no processo de construção de imagens e identidades que circulam em nossa sociedade, bem como no estabelecimento de debates de questões político-sociais, este artigo se propõe a analisar a representação e recepção da primeira protagonista negra da telenovela Malhação, procurando entender o uso de determinados estereótipos que dizem respeito à construção da imagem da mulher negra. Analisando ainda como questões como ideologia do embranquecimento e ilusão da democracia racial são pontuados na narrativa da novela.

Palavras-Chaves: Mulher Negra; Racismo; Representação; Telenovela.

Introdução

Ao abrirmos um livro ou revista, ao ligarmos a televisão ou irmos ao cinema assistir a um filme, nós, provavelmente, veremos imagens que reforçam a supremacia branca. Seja porque as pessoas que ali estão são de fato brancas, ou porque os poucos negros que vemos, na maior parte do tempo, não representam o que significa ser negro, mas uma versão caricata ou embranquecida da realidade. Existe então, como afirma Hooks (1992), uma direta e duradoura conexão entre a manutenção da supremacia branca patriarcal e a institucionalização de imagens específicas através dos meios de massa, que exibem representações de raça que apoiam e ajudam a manter a opressão e exploração de pessoas negras. Já que "o controle das imagens é central para a manutenção de qualquer sistema de dominação racial" (HOOKS, 1992 p.2)

O Brasil, apesar de ser um país majoritariamente negro, vive na ilusão de uma democracia racial e em uma ideologia de embranquecimento, sendo esta última, segundo Almeida (2017), a principal marca do racismo brasileiro. O autor nos conta ainda que esta ideologia é perpetuada, de uma maneira perspicaz e contagiante, nos meios de comunicação massivos, sendo difundida "pelo principal produto audiovisual incorporado à cultura nacional, que são as telenovelas" (ALMEIDA, 2017). Essa

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho 08 – COMUNICAÇÃO, EDUCAÇÃO E CONSUMO, do 7º Encontro de GTs de Pós-Graduação - Comunicon, realizado nos dias 10 e 11 de outubro de 2018.

² Doutoranda e Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Pernambuco. Atualmente integra o grupo de pesquisa do Obitel (Observatório Ibero Americano da Ficção Televisiva).



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

pontuação é justificada através de um contraste entre as imagens que são construídas, pois, segundo ele, as novelas oferecem um lugar de destaque ao fenótipo branco, associando-o à ideia de beleza, de riqueza, de prosperidade e de comportamento virtuoso, e relacionando o negro quase sempre a pobreza, ao insucesso, a criminalidade, a sensualidade e ao aspecto estético depreciativo.

É pensando nisso que nos propomos aqui a analisar a representação da primeira protagonista negra da telenovela brasileira *Malhação*. Realçamos que a produção está no ar desde 1995 e só em sua 24ª temporada (exibida entre 2016-2017) teve uma protagonista negra. Dessa forma, nosso objetivo é entender que imagens a representação dessa protagonista, Joana, suscitou, que estereótipos raciais sobre a mulher negra a abordagem adotada reforçou ou buscou desconstruir. Analisando ainda o modo como a personagem foi recebida pelos telespectadores interagentes, considerando que o aspecto conversacional da ficção seriada é potencializado pelo laço que se estabeleceu entre a televisão e a internet no cenário da convergência. Analisamos ainda se e de que forma questões como a ilusão da democratização racial e a ideologia do embranquecimento estão presentes na construção dessa narrativa.

O negro na ficção seriada e a representação midiática como campo de batalha

Nos últimos anos, o fortalecimento de determinados movimentos sociais, através de emergências das novas formas de militância proporcionadas pelas redes sociais, chamou novamente atenção para o aspecto representacional na mídia, principalmente na TV e no cinema. Esse reajuste do foco e olhar crítico para os significados construídos pelos produtos da indústria cultural é reflexo da centralidade de um mundo midiaticizado. E não é de forma alguma desmedido, pois, como afirma Hall (2016) os significados culturais não estão somente em nossas cabeças, eles organizam e regulam práticas sociais, influenciam nossa conduta e conseqüentemente geram efeitos práticos. Sendo assim, a presença ou a ausência de determinadas etnias, orientações sexuais, identidades de gênero e etc, diz algo sobre o processo de construção da nossa realidade. E quando as pessoas que são mal ou não representadas dizem que “representatividade importa”, elas estão falando sobre como o processo de construção de sentido sobre suas identidades é afetado em um nível individual e coletivo pelo modo como as imagens midiáticas são construídas.

Por décadas, quase que exclusivamente, homens se casam com mulheres nessas narrativas dominantes; bem como gays e lésbicas são pessoas que assumem basicamente a mesma personalidade



em diversos personagens; e negros ocupam determinados cargos que os limitam em uma condição social subalterna. Enquanto isso, “na maioria dos programas de TV, personagens brancos proporcionam aos telespectadores uma autêntica panóplia de opções” (GAY, 2016, p.18).

Falando especificamente da representação racial, como afirma Gay (2016), é vergonhoso que os negros tenham que se contentar com tão pouco quando se trata de programas de qualidade, pois, as emissoras televisivas oferecem um entorpecente mar de alvura e os negros só conseguem ver a si mesmo em representações como empregados domésticos, advogados e amigos petulantes. A negação dessa representação nos remete a uma citação de Junot Dias no livro *The Misadventures of a Awkward Black Girl*, escrito por Issa Rae:

(...) Existe a ideia de que os monstros não possuem reflexo no espelho. E o que eu sempre pensei não foi na ideia de que os monstros não possuem reflexo, e sim no modo como, **se você deseja transformar um ser humano em um monstro, basta negar a ele, em um nível cultural, qualquer reflexo de si mesmo.** Crescendo, eu me sentia como um monstro em algumas formas. Eu não me via refletido. Então eu me perguntava: há algo de errado comigo? Porque toda sociedade parece pensar que eu não existo. (RAE, 2015 p. 37, tradução nossa, grifo nosso).

Dessa forma, a não representação ou a má representação ajuda a adicionar espaço no abismo racial em que vivemos. Partindo especificamente para o contexto das telenovelas, cabe pontuar que entre os primeiros anos de telenovela brasileira, os negros não tiveram muito destaque nas narrativas (ARAÚJO, 2004). O primeiro protagonista negro nas telenovelas nacionais surgiu em 1969, como pontuam Grijó e Sousa (2012), com a novela *A Cabana do Pai Tomás* (Rede Globo, 1970), nessa produção houve a prática de *blackface*³, pois, um ator branco, Sérgio Cardoso, era escurecido para viver o papel. No entanto, ao lado dele, no papel de sua esposa estava Tia Cloé, vivida por Ruth Souza, que, apesar de reforçar diversos estereótipos sobre mulheres negras, é a primeira personagem negra de grande porte da teledramaturgia nacional. Cabe ainda pontuar que a novela sofreu com o racismo do público que fez com que o nome da atriz fosse retirado dos créditos da novela.⁴ No mesmo ano estreou *Vidas em Conflito* (TV Excelsior, 1969), uma das primeiras produções a abordar o preconceito racial abertamente. Na história, a personagem branca, Débora, se envolvia com Rodney, um personagem negro, mas em consequência da reação negativa dos telespectadores manifestada por meio de cartas

³ Prática teatral de atores que se coloriam com o carvão de cortiça para representar personagens negros de forma exagerada.

⁴ Em entrevista, Ruth Souza fala sobre protagonismo negro: <http://epoca.globo.com/colunas-e-blogs/bruno-astuto/noticia/2015/11/primeira-protagonista-negra-da-tv-brasileira-ruth-de-souza-lamenta-ataques-racistas-tais-araujo.html>



(COSTA, 2016), colocou em prática a natureza processual da novela e a importância dos personagens negros e a abordagem do preconceito foi diminuída.

Nos anos 80, como pontua Araújo (2004), apesar de uma pequena ascensão do negro, em um terço das telenovelas exibidas pela maior produtora de telenovelas do país, a Rede Globo, não havia nenhum personagem negro. Foi só no final da década de 90 que houve uma mudança na notoriedade desses personagens. Um exemplo disso é telenovela *A Próxima Vítima* (Rede Globo, 1995), na qual um dos núcleos envolvia uma família negra de classe média, que “diferente de outros personagens negros presentes em outras telenovelas, tinham participação ativa na narrativa, sendo uma das mais polêmica da história devido à homossexualidade de um dos filhos (GRIJÓ, SOUSA, 2012). Essa rápida revisão evidencia que existe nas telenovelas brasileiras o que Gay (2015), na análise do contexto produtivo dos EUA, chama de “mar de alvura” representacional.

Existem, claro, as exceções. Produções como as séries de Shonda Rhimes⁵, por exemplo, oferecem uma vasta gama de personagens negros em contextos diferentes (médicos, professores universitários, políticos, investigadores, etc). Apesar disso, a produtora, muitas vezes, usa da neutralização racial como solução para a desigualdade, como crítica Warner (2015) ao falar da estratégia de *blindcasting*⁶ promovida por Shonda Rhimes. Na série *Still Star-Crossed* (ABC Family – 2017), por exemplo, a autora conta a história das famílias italianas Capuleto e Montague, colocando personagens negros em papéis principais, embora seja inegável a importância de ver uma série de época que não representa negros apenas como serventes/escravos (já que na série o rei de Veneza é negro, a protagonista é negra, bem como vários outros membros de ambas as famílias), é como se a questão de raça simplesmente não existisse, não existem conflitos, não existe preconceito racial⁷.

Há, porém, nos últimos anos, um crescente número de produções que apresentam personagens e histórias com mais nuances do ponto de vista representacional, *Black-ish* (ABC Family, 2014-), *Insecure* (HBO, 2016-), *Dear White People* (Netflix, 2017-) e *Grown-ish* (ABC Family, 2018-) são exemplos disso. Além de possuírem um elenco majoritariamente negro, essas produções são criadas

⁵ Shonda Rhimes é escritora e produtora de séries como *Scandal*, *Grey's Anatomy*, *How To Get Away With Murder*, *Still Star-Crossed*, etc.

⁶ Prática de realizar a escalção sem considerar a cor da pele ou etnia do ator.

⁷ Interessa destacar que a série *Still Star-Crossed* teve apenas uma temporada e que, como denunciado pelos fãs, foi pouco divulgada pela emissora, tanto na TV quanto nas redes sociais. Muitos desses fãs argumentavam que a decisão de não divulgar a série era uma estratégia para impedir que ela obtivesse uma boa resposta de audiência, levando-a ao inevitável cancelamento, e que isso estava relacionado ao racialmente diverso casting da série.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

por pessoas negras, algo que só começou com o comediante Bill Cosby - cujo comportamento abusivo e mais de 40 acusações de estupro não devem ser esquecidas - com as produções *The Cosby Show* (1984-1992) e *A Different World* (1989-1993), que estabeleceram oportunidades sem precedentes para as interpretações de personagens negros. Antes disso, as produções com elencos negros estavam exclusivamente sob o controle criativo de pessoas brancas.

Outro ponto interessante sobre as produções atuais anteriormente exemplificadas é que elas também se dispõem a debater o racismo e a condição social do negro. Em *Black-ish*, por exemplo, constantemente os protagonistas, membros de uma família negra que representa um percentual muito pequeno da realidade da etnia (eles são ricos, tiveram oportunidades para receber educação formal, ocupam cargos altos, frequentam escolas privadas, etc) lidam com questões como violência policial contra negros, estereótipos racialmente atribuídos, etc. A série assume ainda uma abordagem pedagógica em diversos momentos, os personagens exploram seus próprios preconceitos sobre raça e ainda falam abertamente sobre a importância da representação.

Em séries como *Grown-ish* e *Dear White People*, vemos jovens negros na universidade e lidando com questões que vão desde a própria presença nesse universo como pessoa negra e a relação de suas construções individuais versus presença na militância, até as suas relações afetivo-amorosas. Apesar dos esforços e abertura de diálogos que séries como essas proporcionam, tais produções, além de terem suas limitações, representam apenas um pequeno percentual dentro de um contexto produtivo extremamente branco.

Para finalizar essa etapa referencial, destacamos ainda o modo como o campo representacional configura-se como um lugar de luta. Isso é evidenciado quando analisamos criticamente as representações contemporâneas do que significa ser negro e das pessoas negras. Como afirma Hooks (1992), estudar o modo como os negros são representados é criticar o status quo, é questionar que tipos de imagens subvertem, oferecem alternativas críticas e nos distanciam da dualidade de boa imagem e má imagem. O que é importante, pois, segundo Hall (1999), a identidade cultural existe em um constante processo de transformação.

Caso e metodologia

Depois de duas décadas de *Malhação*, a Rede Globo apresentou, na temporada “Malhação - Pro Dia Nascer Feliz” (2016-2017), a primeira protagonista negra da produção. Pobre, preta e



nordestina”, - modo como a antagonista, Bárbara, refere-se a mocinha - Joana, abriu um espaço para discussões envolvendo preconceito de classe, raça e gênero em *Malhação* - cabe pontuar que essas discussões já aconteciam em menor quantidade e de forma pontual. Sendo assim, buscamos entender que discussões são essas e como elas colaboram com a desconstrução ou com o reforço dos ideais raciais predominantes na televisão. Pontuamos ainda que, embora o foco do estudo sejam as questões de classe e raça, não podemos dissociar o gênero desta análise, fundamentamos essa interseccionalidade no fato de que, como pontua Davis (2016) tanto gênero quanto raça informam classe e que essas categorias possuem relações mútuas e cruzadas.

O estudo realizado divide-se em dois momentos de análise distintos. O primeiro, e principal deles, refere-se à análise da representação da personagem. Nesse momento, observamos através de uma análise discursiva de diversos trechos extraídos da telenovela, o modo como a questão de raça foi abordada. Usamos essa fase da análise como referência para determinar os pontos de coleta das interpretações da audiência sobre a representação de Joana e a questão racial em *Malhação, Seu Lugar no Mundo*.

Para a realização do segundo momento de análise – voltado para a repercussão do objeto - optamos pelo uso de uma metodologia de concepção descritiva, que, como o nome sugere, tem como objetivo realizar a descrição de um determinado fenômeno, objeto ou população (GIL, 1999). Dentre os métodos descritivos, selecionados a observação, que envolve, como pontua Malhotra (2012), o registro sistemático de padrões de comportamentos. Essa fase foi dividida nas seguintes etapas: 1) Coleta; 2) Categorização em tópicos; 3) Análise do conteúdo dos comentários por tópico conversacional. Sendo assim, coletamos comentários de telespectadores interagentes de *Malhação*, através do Twitter⁸, para analisar a recepção da personagem em questão e das discussões referentes ao racismo e ainda a origem e classe social da personagem. As coletas foram realizadas através das ferramentas Socioviz e NodeXL, as buscas foram filtradas através dos pares de pesquisa 1) “Malhação” e “Joana” 2) Malhação, racismo 3) Malhação, Bárbara, de acordo com o momento de análise. Além de coletas gerais da hashtag #Malhação.

Joana e sua representação

⁸ A escolha do Twitter não se dá de forma aleatória, essa rede possui uma configuração favorável para o estabelecimento de conversações, pelo seu fluxo. É também nela que a Rede Globo, principal emissora do país, concentra suas ações de TV Social.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Quando conhecemos Joana, no primeiro episódio da 24ª temporada de *Malhação*, ela é uma jovem alegre, trabalhadora, que ocupa a função de serviços gerais em um hotel em Morro Branco, Ceará. É justamente nesse hotel, durante seu expediente, que Joana tem o primeiro contato com Bárbara, sua antagonista na trama, e também com Gabriel, namorado de Bárbara e potencial interesse amoroso neste momento na novela. A primeira interação entre o trio já é marcada por um atrito entre Bárbara e Joana, quando a mocinha, obedecendo ordens de seu chefe, pede para que o casal seja mais discreto na piscina, pois, existem crianças por perto. Joana acaba reconhecendo Gabriel, que é jogador de vôlei, o que irrita Bárbara que pede para que ela lembre que está em horário de serviço e procure seu lugar. Quando Gabriel reclama do comportamento de Bárbara com Joana, a garota fala “*olha, eu acharia até que você ficou interessado se ela não fosse...*” Gabriel interrompe a namorada manifestando seu desagrado com as atitudes preconceituosas dela. Já nesse capítulo também se estabelece o interesse mútuo entre Joana e Gabriel, embora, no futuro, a mocinha se envolva com o irmão dele, Giovane.

Posteriormente, devido a um incidente na praia, vemos o padrasto de Joana proibindo-a de usar biquíni. Eles começam a discutir e a protagonista se posiciona contra o machismo e tentativa de violência física do padrasto, o que acaba fazendo com que ela seja expulsa de casa. É esse desenvolvimento que faz com que Joana se mude para o Rio de Janeiro. Ao chegar no Rio, ela passa por algumas dificuldades para arrumar emprego e se adaptar na capital, mas acaba conseguindo um emprego na Forma, uma academia de musculação que é o principal cenário da trama, principalmente motivada pelo desejo de se aproximar de Caio (Treinador da Equipe de Vôlei da Forma) e Ricardo (Dono da Forma), já que acredita que um deles possa ser seu pai biológico.

Feita essa breve apresentação da trama, nos dedicamos agora, com o intuito de analisar melhor a representação da personagem, a olhar para como os estereótipos da mulher negra funcionam na TV e no cinema. Isso é relevante porque, como afirma Dente-Ross (2011), as imagens perpetuadas pelos estereótipos de minorias étnicas muitas vezes se tornam unidimensionais e injustas, o que pode fazer com que elas incorporem uma compreensão negativamente distorcida das minorias dentro da nossa memória social. Quanto à representação de mulheres negras, existem três principais estereótipos, são eles: a *Mammy*, a *Jezebel* e a *Sapphire (Angry Black Woman)*.

A *Mammy* é uma personagem que dedica a vida ao cuidado de sua família branca, sendo uma das mais pervasivas representações da mulher negra. Ela é uma subordinada, amorosa e altruísta



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

empregada doméstica que realiza suas funções alegremente sem esperar uma compensação financeira. De acordo com Harris-Perry (2011), esse estereótipo surge para estabelecer uma falsa ideia de harmonia entre brancos e negros, como se a relação construída pudesse redimir os brancos dos pecados do racismo e da escravidão.

Já o estereótipo de *Jezebel* representa mulheres negras como promíscuas. Harris-Perry (2011) também pontua que a criação desta representação tende a racionalizar o conceito de escravidão. Enquanto a imagem da mulher branca virtuosa era uma imagem vitoriana, as mulheres negras, durante a escravidão, eram forçadas a trabalhar praticamente nuas, além do abuso psicológico, essas mulheres eram constantemente estupradas. A criação da *Jezebel*, uma mulher negra que tem um “vasto apetite sexual”, seria então uma forma de justificar o comportamento abusivo dos homens brancos e a moral superior das mulheres brancas. (HARRYS-PERRY, 2011 p.55-56).

A *Sapphire*, também conhecida *Black Angry Woman* (mulher negra raivosa), é um estereótipo que representa a mulher negra como uma pessoa barulhenta, que tende a se manifestar gritando ou mesmo partindo para a violência física. Esse estereótipo diferencia mulheres brancas e negras como educadas e não educadas.

Joana acumula traços dos três estereótipos tradicionais, que vão sendo mais ou menos focados durante o desenvolvimento de sua narrativa durante os 180 capítulos da telenovela. Ela se preocupa com os outros, e muitas vezes coloca seus interesses pessoais em detrimento de outras pessoas (como a *Mammy*). Ao seu redor estão pessoas majoritariamente brancas das quais ela acaba precisando cuidar e cujos problemas ela tenta resolver. Além disso, Joana também não gosta de depender dos outros, como a *Jezebel*. Em diversos momentos ela deixa claro que não quer depender do pai, do namorado, de ninguém além dela mesma e de seu próprio trabalho (“*Até hoje nunca precisei de dinheiro de pai nenhum, eu tenho saúde, tenho trabalho, minha mãe sempre me ensinou a ter vergonha na cara*” // “*eu não fico atrás de homem para resolver minha vida*”)⁹. E, embora a narrativa tenha se esforçado em apresentar Joana como uma pessoa de fibra, independente e esforçada, constantemente, em diferentes pontos do desenvolvimento da narrativa, vemos outros personagens (como Caio, Dona Irene, Bárbara, Gabriel, etc) se referirem a ela como promíscua, ambiciosa e afirmarem que ela usou de sua sexualidade para ascender. Por fim, Joana atende ainda ao estereótipo da *Sapphire*, embora apenas

⁹ Trechos de falas da personagem Joana em diferentes episódios de *Malhação Seu Lugar no Mundo*.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo


6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

parcialmente, quando, muitas vezes, é considerada como barraqueira e violenta, e é vista ameaçando agredir fisicamente a vilã ou mesmo de fato agredindo-a.

Abordagem do racismo na trama

Outro quesito que interessa em relação às questões raciais na novela em questão é o contraponto entre personagens que tentam chamar atenção para o racismo e mostrar indignação e aqueles que negam a existência do mesmo. Ricardo, pai de Bárbara e Joana, por exemplo, em diversos momentos durante o desenvolvimento do conflito entre as irmãs, diz que Bárbara não é racista, que o problema dela com a Joana é de outra ordem, embora Bárbara constantemente use termos racistas e xenófobos para falar de Joana (retirante, anta nordestina, negra, menina da faxina, etc). Além disso, Bárbara não apenas dá evidências de seu preconceito racial e de classe com Joana, mas também com outros personagens como Júnior e Jabá, por exemplo. Além de fazer comentários racistas sobre a mãe de Joana.

Figura 01 – Transcrição de trecho de cena da telenovela

CENA: BÁRBARA E RICARDO E JULIANA FALAM SOBRE JOANA	
	RICARDO O que você fazia com a Joana quando achava que ela era só a faxineira da Forma?
	BÁRBARA Vem cá, porque você não para de defender ela? Só porque ela nasceu preta, pobre e nordestina ?
	JULIANA Não se julga uma pessoa assim. Se ela fosse branca e rica mudava alguma coisa para você por acaso?
	BÁRBARA Vocês não estão entendendo. Se a gente deixar aquela retirante vai tirar tudo que é nosso.

Fonte: Autora


De uma forma geral, o desenvolvimento das questões raciais na trama é limitado a determinados personagens, criando a impressão de que ideais racistas são eventos isolados que ocorrem em pessoas limitadas, quando a realidade do contexto nacional é diferente. Além de Joana, existem apenas outros três personagens negros que aparecem de forma recorrente na telenovela (todos homens), e, na maior parte do tempo, eles não sofrem nenhum preconceito pela cor de suas peles. Durante os 180 capítulos, destaca-se um momento no qual se concentra majoritariamente a discussão racial da novela, no mesmo desenvolvimento três personagens diferentes (Belotto, Júnior e Joana) são vítimas de preconceito racial e é justamente nesse momento que a novela discute a questão de forma mais aberta. Quando os casos de racismo contra Belotto e Júnior veem à tona na Forma, diversos personagens se posicionam e têm



diálogos sobre o preconceito, mas talvez o diálogo mais significativo seja aquele no qual dois personagens negros e dois brancos discutem sobre o panorama da discriminação racial no Brasil. Parte deste diálogo pode ser vista na Figura 02.

Figura 02 – Transcrição de trecho de cena da telenovela

CENA: JOANA, JÉSSICA, NANDA E BELOTTO FALAM SOBRE RACISMO

 **JÉSSICA**
(...) Se o Léo tivesse com o Belotto ia dar problema do mesmo jeito a mãe (Stella) não quer um preto se metendo na vida do filho.

BELOTTO
Ah não Jéssica, perai. A dona Stela é uma mala, arrogante, mas racista... acho que não né?

NANDA
(...) É lógico que ela é racista até a ponta do nariz empinado dela.

BELOTTO
(...) Nanda, eu posso falar um pouquinho mais disso que vocês duas que são brancas, eu estudei, me formei, trabalho, minha cor de pele nunca me impediu de fazer nada.

JÉSSICA
Então você tá dizendo que o Alisson não é racista?

BELOTTO
O Alisson é um ignorante, ele não é a maioria.

NANDA
Então não existe racismo no Brasil?

BELOTTO
É claro que existe, mas aqui no Brasil as pessoas são mais tolerantes.

JOANA
Tolerantes porque toleram a gente, é isso?

BELOTTO
Não gente, vocês estão confundindo as coisas. Aqui existe um preconceito muito grande social, mas racial nem tanto assim.

NANDA
(..) é justamente a diferença social existente entre o negro e o branco no Brasil prova que existe preconceito sim.

Fonte: Autora

Apesar da inegável relevância da discussão sobre a ideologia do embranquecimento e da igualdade racial no Brasil, é importante pontuar que nessa conversa são os personagens negros que são educados pelos brancos sobre o racismo. Esse não é um momento isolado do ponto de vista do modo como os personagens negros da novela se posicionam frente ao racismo. Joana, por exemplo, em diversos momentos da trama, ignora comentários preconceituosos e se nega a prestar queixas quando estimulada por outros personagens, como seu namorado e algumas amigas.

Nesse desenvolvimento específico, Belotto (um professor de educação física de escola pública e *personal trainer* na Forma) diz que nunca sofreu com racismo em toda sua vida, algo que é extremamente distante da realidade de um homem negro no país. Ainda assim, de certa forma, o comportamento do personagem se adequa ao ideal de ilusão da existência de uma democracia racial no Brasil. Além disso, Belotto está de fato sofrendo racismo, embora não perceba. A discussão que ele



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

tem com Alisson (um outro professor da Forma) gera uma onda de ataques. Alisson cria memes racistas sobre Belotto e Joana e os faz circular em grupos de *WhatsApp*, além disso, além disso, o professor ainda afirma que está sofrendo preconceito reverso, e que pessoas negras defendem sempre umas às outras, mesmo quando brancos estão com a razão. “*Se sabe como é que é neguinho né? Não pode ver um galho que já vai querendo subir*¹⁰”.

Recepção da personagem

Para analisar a recepção, elegemos alguns momentos da narrativa e questões representacionais para realização de coletas de comentários feitos por telespectadores no *Twitter* e no *Facebook*. A concepção de pesquisa adotada é de natureza descritiva, realizada através de métodos de análise observacionais. A partir de agora, apresentaremos tais análises.

O momento inicial de coleta determinado foi a primeira semana de *Malhação - Seu Lugar no Mundo* com o objetivo de entender a recepção inicial à protagonista e aos primeiros conflitos raciais estabelecidos, bem como ao contraste entre mocinha e vilã. Nesse período, os comentários coletados eram majoritariamente positivos, e foram classificados de acordo com o tópico conversacional suscitado e atitude (negativa ou positiva) com relação a tal tópico.

Nessa primeira coleta, os comentários falavam principalmente sobre a personalidade da protagonista, sobre a importância da representatividade de negros e nordestinos como protagonistas, e da força da personagem Joana e ainda do *shipp*¹¹ entre Joana e Gabriel (Jobriel). Os comentários sobre a atriz e sua personagem foram tantos que no primeiro capítulo a *hashtag* *AlineDias* esteve nos *trend topics*, a maioria desses comentários destacavam a beleza da atriz e sua boa atuação. Nessa coleta foram encontrados poucos comentários negativos com relação à personagem especificamente (o maior corpo de comentários negativos era com relação à nova temporada como um todo, o que é comum sempre que uma nova *Malhação* inicia, já que os fãs normalmente desejavam pela continuidade da trama anterior), e esses poucos comentários chamavam Joana de “sonsa” ou criticavam a atuação da atriz Aline Dias.

O segundo momento de coleta é relacionado ao confronto entre Bárbara e Joana pela descoberta de que Joana também é filha de Ricardo. Coletamos novamente material referente a cinco capítulos,

¹⁰ Fala do personagem Alisson no capítulo 108, que foi ao dia 18/01/2017

¹¹ O termo *shipp* se refere ao ato de *shippar*, torcer e realizar determinadas práticas interacionais pelo desejo de que um casal fictício ou não fique junto.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

neles o principal tópico conversacional encontrado diz respeito ao preconceito de Bárbara, que se destaca pela frase que usamos no título deste artigo “Pobre, preta e nordestina”. Entre a estreia e esse desenvolvimento, muitos dos fãs da trama passaram a gostar da vilã, o que gerou uma disputa dentro do *fandom* da novela, de um lado estavam aqueles que defendiam Joana e do outro os que acreditavam que Bárbara era a melhor personagem.

Para os defensores de Joana, a recepção positiva de Bárbara é também um indicativo do racismo incutido nas pessoas. A maioria dos comentários coletados mostravam a indignação dos telespectadores interagentes pelo modo racista como Bárbara se referiu a irmã. Além de chamá-la de “pobre, preta e nordestina” em um tom ofensivo, ela também diz que a irmã cabe em todas as cotas possíveis e que por isso ela se faz de coitadinha.

Figura 03 – Exemplos de comentários em defesa de Joana



Fonte: Twitter

Analisamos ainda a briga física entre Bárbara e Joana, o confronto aconteceu depois que Bárbara sabotou a irmã em um concurso de beleza. Além do óbvio abuso do *plot* de briga feminina (mocinha x vilã), é importante pontuar que a escolha desse revide físico faz com que a Joana se aproxime ainda mais da *Shapphire* (*Angry Black Woman*), dando base às insinuações feitas por outros personagens sobre o seu comportamento agressivo. Quando analisamos os comentários, percebemos que a maioria dos internautas estava satisfeito com a briga, eles afirmavam que “já estava mais do que na hora” e que “a Bárbara mereceu cada tapa”.

E, por fim, analisamos ainda o desfecho da novela. No qual, em vez de sofrer a merecida retaliação legal pela injúria racial e preconceito cometido contra Joana, a vilã se redime pedindo desculpas e elas ainda fazem um casamento duplo, passando a se tratarem como irmãs. Essa mudança repentina, já que uma semana antes elas ainda estavam trocando ofensas, não passou despercebida pela audiência. Em muitos dos comentários coletados durante o final da novela, os telespectadores pontuaram o descontentamento com o desfecho (*Barbara e Joana se odiaram a temporada toda e*



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

agora no final ficaram melhores amigas ATA PRA VC DIRETOR), e ainda, a falta de uma punição legal para Bárbara. Embora também fosse recorrente um posicionamento no qual se elogiava a emoção da cena de conciliação entre as personagens (*Joana e Barbara casando juntas, que final maravilhoso*).

Conclusão

Este artigo teve como objetivo analisar a representação da primeira protagonista negra da telenovela brasileira *Malhação*. Aproveitamos este momento para iniciar pontuando a relevância de abordar questões representacionais em um produto como *Malhação*, que é voltado para o público mais jovem, que tem um contato mais imediato com as redes sociais e é mais adepto às práticas estimuladas pelas estratégias de TV Social adotadas pelas emissoras. Tudo isso faz com que esse programa ocupe um lugar importante para o processo de construção de imagens e identidades nacionais há mais de vinte anos. No entanto, cabe aqui também pontuar que a relação causa e efeito das representações adotadas pela novela não devem ser consideradas de forma simplória.

Abordando agora os resultados encontrados durante a análise, começamos pontuando o problema representacional que é recorrente na novela. Em *Malhação - Seu Lugar no Mundo*, temporada analisada, a protagonista é um dos quatro personagens negros recorrentes na trama como já pontuamos. Dessa forma, o problema representacional já começa na contradição de sua premissa, se propondo a fazer uma “crônica sobre a juventude brasileira atual”, a novela, na verdade, está distante da realidade nacional. No Dom Fernão, escola pública fictícia da novela, por exemplo, a maioria dos personagens são brancos, quando mais de 50% da população do país é negra.

Falando especificamente sobre Joana, é preciso pontuar que, ao optar por ter uma protagonista negra que é faxineira e não pôde concluir o ensino médio, a produção limita a representação de pessoas negras ao espectro da servidão já explorado durante o referencial teórico deste artigo. A imagem construída pela personagem, de uma forma geral, repete uma fórmula representacional limitante, ela endossa o discurso de que pessoas negras não podem exercer outros papéis. Há, no entanto, um determinado aspecto da construção da personagem que merece um destaque positivo, diferente das poucas outras personagens negras (protagonistas ou de suporte) que vemos na maioria das novelas nacionais e que começam como faxineiras, mas acabam ascendendo - cabem como exemplo novelas como *Cama de Gato* (Globo, 2009-2010), na qual a personagem Rose (Camila Pitanga) começa como faxineira e acaba se tornando uma empresária, e *O Outro Lado do Paraíso* (Rede Globo, 2017-2018),



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

na qual a personagem Raquel (Erika Januza), depois de ser humilhada por ser negra e quilombola, torna-se juíza na segunda fase da novela - Joana fala pausadamente, é bem articulada, é quase sempre guiada pela razão e resiste muitas vezes aos xingamentos e preconceitos de Bárbara. Essa construção da personagem pode ser entendida como uma tentativa de afastá-la do estereótipo da *Shapphire* (*Angry Black Woman*), que é o menos percebido durante a análise representacional.

Cabe ainda revisar e fazer algumas pontuações sobre a presença dos estereótipos clássicos usados para representar mulheres negras que usamos neste estudo como unidades de análise para entender a imagem de Joana. Começaremos então pela imagem da *Shapphire* que acabamos de citar para falar da boa articulação de Joana. Quanto à isso, é preciso pontuar que, embora Joana não atenda a esse estereótipo da forma como ele foi convencionalmente construído, podemos claramente estabelecer relações entre o comportamento conhecido da *Shapphire* e o da mocinha da 24ª temporada de *Malhação*. Além do fato de que Joana é um personagem que defende seus ideais e expõe suas ideias, podemos identificar resquícios da *Shapphire* quando outros personagens acham a protagonista mandona e irritante, algo que também é recorrente na recepção do público que, em alguns momentos, melhor recebe a vilã do que a mocinha. Quanto à representação da *Jezebel*, cabe pontuar o modo como alguns personagens se referem a Joana por sua suposta sexualidade, reforçando esse estereótipo que coloca as mulheres negras como provocativas. A releitura da *Mammy* em Joana, como já pontuamos, está no modo como a protagonista coloca seus interesses em detrimento pelo bem dos outros. Primeiro, ela abre mão do amor de Gabriel por Bárbara (quando acredita que ela pode ser irmã), depois, em diversos pontos da história, toma determinadas atitudes para defender ou proteger outros personagens.

Por fim, nos ocupamos da realização de uma análise geral do que nos propomos a entender no começo do trabalho. A pergunta que precisa ser repostada é: a representação de Joana ajuda no processo de construção ou de desconstrução dos estereótipos em torno da mulher negra na ficção? A resposta é que, em diferentes medidas, ela faz ambos. Por um lado, ela pavimentava um caminho que dá entrada para mais protagonistas negras na produção, algo que vemos na temporada seguinte (*Malhação, Viva a Diferença*, 2017-2018) na qual uma das cinco protagonistas (Ellen) além de ser negra, apresenta um espectro mais abrangente de representação por sua personalidade.

De uma forma geral, as personagens negras já não ocupam exclusivamente o papel da negra afetuosa que cuida dos “filhos” brancos como Mamãe Dolores em *O Direito de Nascer* (TV Tupi, 1964-65), mas ainda são, em sua grande maioria, empregadas domésticas, personagens místicas ou



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

peças espalhadas que ocupam funções de serventia, e, ainda assim, representam apenas uma pequena parcela dos personagens em comparação ao elenco branco. Além da questão da quantidade, devemos também nos ater a qualidade (no sentido de diversidade e oferecimento de uma identidade negra não limitante) dessas representações, a maioria dos personagens negros não só ocupam funções de serventia, mas eles também não possuem histórias próprias, eles estão presentes, na maior parte do tempo, para entreter a audiência com comentários engraçados e para ajudar o protagonista branco em sua jornada.

Por fim, reforçamos que, como já pontuamos, há uma forte presença dos principais estereótipos envolvendo a representação de mulheres negras na representação de Joana. E embora as discussões sobre raça e gênero construídas por Emanuel Jacobina na temporada toquem muito mais nas feridas que as anteriormente vistas em *Malhação*, elas ainda são rasas e, em diversos momentos, poderiam ter sido melhores aproveitadas.

Referências

- ALMEIDA, Maureci. **Ideologia do Embranquecimento nas telenovelas brasileiras**. São Paulo: Paco editorial, 2017.
- ARAÚJO, Joel. **A negação do Brasil: o negro na telenovela**. São Paulo: SENAC, 2004.
- COSTA, Fábio. **Novela: A Obra aberta e seus problemas**. São Paulo: Giostri, 2016.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DENTE ROSS, S. **Images That Injure: Pictorial Stereotypes in the Media**. California: Abc Clio, 2011.
- GAY, Roxane. **Má feminista: ensaios provocativos de uma ativista desastrosa**. Barueri: Novo Século Editora, 2016.
- GRIJÓ, Wesley. SOUSA, Adam. **O negro na telenovela brasileira: a atualidade das representações**. In: *Revista Estudos em Comunicação*. p.185-204. Maio, 2012.
- HALL, S. **Representação e cultura**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2016.
- HARRIS-PERRY, M. **Sister Citizen: Shame, Stereotypes And Black Women in America**. Yale: Yale University Press, 2011.
- HOOKS, B. **Reel to Race: Race, class and sex at the movies**. New York: Routledge, 1996.
- RAE, Issa. **The Misadventures of Awkward Black Girl**. Nova York: Atria, 2015.
- WARNER, Kristen. The Racial Logic of Grey's Anatomy: Shonda Rhimes and Her "Post-Civil Rights, Post-Feminist" Series. In: **Television & New Media** 2015, Vol. 16(7) 631 –647